

Gerentes não têm medo de assalto

O chefe do Departamento de Museus e Centros Culturais do Ministério da Cultura, José Nascimento Júnior, afirma que a segurança em museus nunca será total. E justifica a declaração pela lembrança dos roubos cinematográficos registrados vez por outra na Europa.

"Mesmo museus onde a segurança é considerada uma das melhores do mundo já enfrentaram problemas. Basta lembrar o caso do louco que invadiu o Museu do Vaticano, na Itália, e depredou a Pietá, de Michelangelo", conta.

Falar em segurança de museus é uma questão "complexa e controversa", afirma Nasci-

mento Júnior. Isso porque, explica, em vez de esconder objetos e dificultar o acesso do público, esses locais pedem o contrário.

"Museu não é para esconder, é para exibir. Não é para um grupinho conhecer, é para toda a população visitar", argumenta. Essas características, frisa, têm de ser preservadas e respeitadas, daí a necessidade da educação e conscientização da comunidade sobre a importância dessas instituições.

Os museus são considerados pontos de memória, de cultura, de patrimônio. "Como já disse o ministro da Cultura, Gilberto Gil: eles abri-

gam o que fomos e o que somos e inspira o que seremos. É uma área viva de reflexão que deve ser preservada."

A conservação das obras não fica atrás: não há dispositivo de climatização. "Temos sorte de Brasília ser seca, assim não favorece o mofo. Mas a madeira costuma rachar", diz Marta de Benévolo.

Mesmo assim, a "reserva técnica", no subsolo do prédio de 4.800 metros quadrados, às margens do Lagoa Paranoá, recende a poeira. E há quadros escorados em algumas salas.

OTIMISMO - O assalto ao Museu Chácara do Céu, no Rio de

Janeiro, de onde foram levadas telas de Picasso, Salvador Dalí, Monet e Matisse, não amedronta a gerente do museu. "Temos tido sorte. Isso não acontecerá aqui", assegura Marta Benévolo.

Seu otimismo é compartilhado pela gerente do Museu do Catetinho, Marta Terezinha Schuster Poli. Com preciosidades em seu acervo, entre as quais, uma casaca do ex-presidente Juscelino Kubitschek, um vestido de festa da primeira-dama Sarah Kubitschek e um violão do cantor Dilermando Reis, ela confia na vigilância armada do local. "Isso nunca aconteceu, nem vai acontecer", garante.